

As regiões do Pantanal: Nhecolândia

Sandro Menezes Silva

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD
Faculdade de Ciências Biológicas e Ambientais – FCBA

O reconhecimento de regiões dentro do Pantanal, ou de “pantanais dentro do Pantanal”, é bastante comum, havendo diferentes proposições na literatura; a mais comumente utilizada é a de Silva & Abdon (1998), que reconheceu 11 regiões na planície pantaneira, com base principalmente em características relacionadas ao regime de inundação, ao relevo, ao solo e à vegetação. Nessa divisão, o Pantanal da Nhecolândia, ou simplesmente, a Nhecolândia, ocupa cerca de 19,5% da planície pantaneira, quase 27 mil quilômetros quadrados, com os seguintes limites: ao norte com a região do Paiaguás, sendo o rio Taquari o divisor das regiões, ao sul com as regiões do Abobral e de Aquidauana, sendo o rio Negro o marco divisorio, e a leste com o planalto central, na região chamada regionalmente de serra de Maracaju, e a oeste com o rio Paraguai. Localiza-se quase que totalmente no município de Corumbá, com uma menor parte em Rio Verde do Mato Grosso e Aquidauana, totalmente no Mato Grosso do Sul.

O nome Nhecolândia tem origem do apelido de um dos primeiros fazendeiros que ocuparam a região, o Nheco, Joaquim Gomes da Silva ou Barão de Vila Maria, que, juntamente com o pioneiro Cyríaco Rondon, foram responsáveis por estabelecer as primeiras fazendas na região; eram grandes latifúndios nas quais foi implantada a pecuária extensiva baseada em pastagens nativas, que viria a se tornar a principal atividade produtiva na região. Atualmente, a Nhecolândia é a região do Pantanal sul-mato-grossense que tem a maior produção pecuária, grande parte ainda baseada em pastagens nativas. A EMBRAPA-Pantanal, sediada em Corumbá (MS), vem estudando essa atividade na região há pelo menos duas décadas, tendo como base várias pesquisas realizadas na fazenda de sua propriedade, a fazenda Nhumirim.

O pantanal da Nhecolândia é constituído por sedimentos arenosos quaternários, provenientes dos depósitos aluvionares da margem esquerda do rio Taquari. As inundações nessa parte da planície variam de fracas a medianas, e relacionam-se principalmente aos cursos fluviais temporários e defluentes desse rio, com canais e leitos anastomosados e grande quantidade de lagoas de água doce (baías) e salgada (salinas). Enquanto as salinas são alimentadas exclusivamente por águas pluviais, as baías recebem contribuições dos rios que, durante o período da cheia, extravasam seus canais e preenchem essas lagoas; além disso, as salinas têm, geralmente, formato circular ou elíptico, são mais elevadas em relação ao terreno, e não apresentam vegetação com plantas macrófitas, enquanto as baías tem formatos diversos, muitas vezes formadas a partir de braços e meandros dos rios que foram abandonados, são mais rebaixadas e apresentam grandes extensões de vegetação aquática, com plantas flutuantes e/ou submersas. Entre essas lagoas, geralmente ocorrem elevações do terreno com aspecto de cordões arenosos, com largura variável e, em média, 2 a 5 metros acima do terreno, conhecidas localmente como “cordilheiras”; tais áreas são raramente atingidas pelas cheias, e geralmente apresentam vegetação florestal representada por espécies de Cerrado, o conhecido cerradão.

Além das cordilheiras, na região ainda ocorrem as vazantes e os corixos. As vazantes são representadas por áreas mais deprimidas e alongadas, geralmente entre as cordilheiras, conectando as baías próximas. São intermitentes, servindo de escoadouros para as baías durante o período em que as águas estão baixando. Em alguns locais, as vazantes apresentam água durante quase o ano todo, o que caracteriza os campos úmidos; acredita-se que essa perenidade das águas se relaciona à maior proximidade do lençol freático. Os corixos são cursos d'água pequenos e intermitentes, semelhantes às vazantes, porém com maior profundidade dos canais, com aspectos geralmente linear; os pantaneiros usam muitos esses termos para designar as diferentes feições da paisagem, e sabem de pronto reconhecer o que são as cordilheiras, as vazantes e os corixos.

O regime de cheias sazonais da região da Nhecolândia ocorre a partir do escoamento da água do rio Taquari por meio dos seus diques naturais, do represamento dos rios e corixos causados pelas cheias dos rios Paraguai e Negro e pelas chuvas locais em terrenos com baixa declividade, que atrasa a drenagem da água para os leitos dos rios. O represamento causado pelos rios Paraguai e Negro pode reverter temporariamente o fluxo de alguns afluentes, e, considerando ainda os fluxos das águas subterrâneas conectado às lagoas, tornam o regime hidrológico dessa região bastante complexo e ainda pouco compreendido.

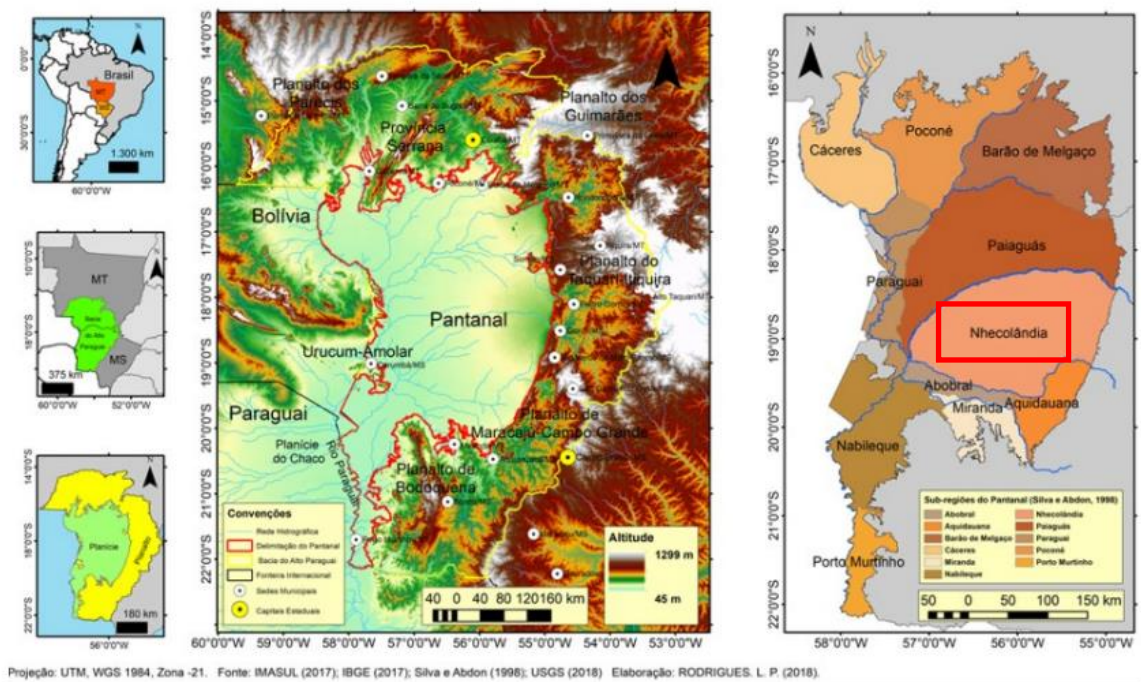
Os solos da região da Nhecolândia são predominantemente hidromórficos, ou sejam demonstram em suas características as influências do regime de inundações. Além da hidromorfia, são, predominantemente arenosos, com pouca argila, nos quais fica evidente a influência do material de origem na formação (sedimentos fluviais arenosos). Na literatura existem diferentes propostas de classificação dos solos no Pantanal, que variam conforme o sistema adotado; para a Nhecolândia são reconhecidos os solos dos tipos Podzol Hidromórfico, predominantes na região, as Areias Quartzosas Hidromórficas, mais comuns na parte sul, os Planossolos, geralmente mal drenados e com acúmulo de cálcio e sódio nos horizontes sub-superficiais, as Lateritas Hidromórficas, com deposição de óxidos de ferro nos horizontes mais profundos, conferindo coloração

avermelhada a essas partes, e os Gleis Pouco Húmicos, marcados por horizontes gleizados, ou seja, formados em ambientes que permanecem inundados na maior parte do tempo, geralmente por água parada, que precipita o ferro e deixa-o com aspecto mais plástico e cores mais escuras. No geral, são solos com pouca aptidão agrícola, que sustentam satisfatoriamente a pecuária extensiva praticada na região, desde que com o devido manejo das pastagens nativas para promover a renovação das gramíneas, a remoção de espécies vegetais indesejadas e para evitar a degradação da vegetação natural, especialmente no entorno das áreas pastejadas.

A vegetação da Nhecolândia compõe um mosaico relacionado basicamente à topografia e ao pulso de inundação, variando desde formações campestres, inundáveis ou não, até florestas. Entre 40 e 50% dessa região é coberta por Cerrado, com suas diferentes fitofisionomias (campo limpo, cerrado senso estrito e cerradão), especialmente nas partes mais elevadas do terreno, que raramente são atingidas pelas inundações periódicas que caracterizam o Pantanal. Nas partes mais altas, como nas cordilheiras, é comum ocorrer o cerradão, enquanto nas partes mais planas e livres de inundação ocorre o cerrado senso estrito. Os campos úmidos em geral acompanham as vazantes, enquanto os campos limpos de cerrado geralmente ocorrem nas transições entre as vazantes e as formações lenhosas, que podem ser atingidas episodicamente pelas inundações. As florestas ciliares, também conhecidas como matas ciliares ou matas ribeirinhas, ocorrem ao longo dos rios e corixos, e diferenciam-se do cerradão, que também é florestal, pela composição das espécies arbóreas. Nas baías é frequente a ocorrência de espécies aquáticas, as chamadas macrófitas aquáticas, que podem ser flutuantes, radicadas no fundo do corpo d'água ou formarem um cinturão verde ao longo das suas margens. Já nas salinas, não há vegetação marginal aquática, sendo essas lagoas marcadas por limites bem definidos, à semelhança de praias de areias claras.

Algumas publicações reconhecem três sub-regiões no pantanal da Nhecolândia, com base nas características topográficas, hidrográficas e vegetacionais. A Alta Nhecolândia é uma área menos úmida, tem topografia quase plana, marcada por corixos e vazantes, que drena para sul e oeste por meio de canais descontínuos com fluxos intermitentes, com poucas lagoas. Os solos são predominantemente do tipo Podzol hidromórfico e Planossolo distrófico, com vegetação constituída por diferentes fisionomias de Cerrado (cerrado senso estrito, cerradão e campo limpo) e florestas de galeria, especialmente ao longo das vazantes e dos corixos de maior extensão. A Vazante do Corixão é uma sub-região onde predominam campos úmidos, sobre relevo quase plano e rebaixado, com influência direta dos corixos e das áreas de afloramento do lençol freático, com poucas lagoas. Já a Baixa Nhecolândia tem grande quantidade de baías associadas às vazantes e corixos, e salinas delimitadas por cordilheiras, sobre as quais ocorre vegetação florestal de cerradão. É a paisagem mais divulgada quando se mostra a Nhecolândia, pois a combinação dos diferentes tipos de lagoas associadas aos diferentes tipos de vegetação confere a essa sub-região um aspecto, em vista aérea, bastante peculiar.

O pantanal da Nhecolândia é uma região bastante peculiar, seja pelas suas características naturais, seja pela sua rica história de ocupação. O mosaico de paisagens formado pelas lagoas, vazantes e cordilheiras é típico e amplamente usado para mostrar a região, sendo sua marca registrada em termos de paisagens naturais. Do ponto de vista histórico, a formação de fazendas com atividade pecuária no início do século XX marcou a região, fator que é apontado por muitos pesquisadores e conhecedores do Pantanal como um fator fundamental para a sua conservação. Nesse sentido, a presença de unidades de conservação de diferentes categorias nessa região contribui para sua proteção e servem como locais para realização de atividades de turismo em contato com a natureza, potencial ainda pouco desenvolvido do ponto de vista econômico; são as Reservas Particulares do Patrimônio Natural Fazenda Paculândia, Fazenda Nhumirim, Fazenda Alegria, Fazenda Rio Negro, que serviu de cenário para gravação da novela Pantanal, Pata da Onça e Fazendinha, e o Parque Estadual do Pantanal do Rio Negro, que totalizam quase 1.130 quilômetros quadrados de áreas naturais protegidas. Essa riqueza, histórica e de biodiversidade, deve ser divulgada e cada vez mais valorizada, pois conservar o Pantanal é conservar todos os "pantanais" que formam a planície pantaneira.



Localização do Pantanal e da região da Nhecolândia. Fonte: Rodrigues & Leite (2020)



Vista aérea do Pantanal da Nhecolândia, mostrando as baías (lagoas com vegetação) e salinas (lagoas com margens arenosas). Fonte: Andrade (2017)

Fontes consultadas

- Abdon, M. M., Silva, J. D. S. V., Pott, V. J., Pott, A., & Silva, M. P. (1998). Utilização de dados analógicos do Landsat-TM na discriminação da vegetação de parte da sub-região da Nhecolândia no Pantanal. *Pesquisa Agropecuária Brasileira*, 33(13), 1799-1813. Disponível em <https://seer.sct.embrapa.br/index.php/pab/article/viewFile/5052/7226>
- Andrade, R. O. (2017). Lagoas moldadas pelo tempo. *Revista Pesquisa FAPESP* 261. Disponível em <https://revistapesquisa.fapesp.br/lagoas-moldadas-pelo-tempo/>
- Bazzo, J. C., de Freitas, D. A. F., Silva, M. L. N., Cardos, E. L., & Santos, S. A. (2012). Aspectos geofísicos e ambientais do pantanal da Nhecolândia. *Revista de Geografia (Recife)*, 29(1), 141-161. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/228920/23331>
- Bergier, I., Krusche, A., & Guérin, F. (2016). Alkaline lake dynamics in the Nhecolândia landscape. *Dynamics of the Pantanal wetland in South America*, 145-161. Disponível em <http://ndl.ethernet.edu.et/bitstream/123456789/77353/1/Ivan%20Bergier.pdf#page=159>
- Chaves, J. V. B. & Silva, J. S. V. (2018) Evolução das unidades de conservação no Pantanal no período de 1998 a 2018. *Anais 7º Simpósio de Geotecnologias no Pantanal, Jardim, MS. Embrapa Informática Agropecuária/INPE*, p. 676-685. Disponível em <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/1099248/1/PLEvolucaoGeopantanal.pdf>
- Cunha, N. G. (1980). Considerações sobre os solos da sub-região da Nhecolândia, Pantanal Mato-grossense. *Circular técnica nº 1. EMBRAPA-UEPAE, Corumbá*, 45 p. Disponível em <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/787697/1/CT01.pdf>
- Guerreiro, R. L., Bergier, I., McGlue, M. M., Warren, L. V., de Abreu, U. G. P., Abrahão, J., & Assine, M. L. (2019). The soda lakes of Nhecolândia: a conservation opportunity for the Pantanal wetlands. *Perspectives in ecology and conservation*, 17(1), 9-18. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2530064418300816>
- Martinho, T. (2022). *Memórias de um Pantanal: histórias de homens e mulheres que desvendaram a região do rio Negro*. São Paulo, SP. Documenta Pantanal. 296 p. Disponível em <https://documentapantanal.com.br/wp-content/uploads/2023/02/Memo%CC%81rias-de-um-pantanal.pdf>
- Rodrigues, L. P. & Leite, E. F. (2020). Análise da dinâmica da paisagem do Pantanal da Nhecolândia (MS). *Ateliê Geográfico*, 14(1), 174-204. Disponível em https://www.researchgate.net/profile/Emerson-Leite/publication/342795608_Analise_da_dinamica_da_paisagem_do_Pantanal_da_Nhecolandia_MS/links/5f0750f292851c52d624ba94/Analise-da-dinamica-da-paisagem-do-Pantanal-da-Nhecolandia-MS.pdf
- Silva, J. S. V.; Abdon, M. M. Delimitação do Pantanal Brasileiro e suas sub-regiões. *Pesquisa Agropecuária Brasileira*. Brasília. V. 33, Número Especial, p.1703-1711. Outubro 1998. Disponível em <https://seer.sct.embrapa.br/index.php/pab/article/download/5050/7203>